

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Bizet — Recordações historicas — Mestres cantores — Francisco de Lacerda — Notas vagas — Escola de musica de Camara — Concertos — D. Virginia Suggia — Reforma do Conservatorio — Noticiario.

BIZET

Um desherdado da sorte.

Quando, a cabo de penosas luctas, a *Car-men*, que nas primeiras representações apenas tinha sido apreciada pelos entendidos, subiu ás nuvens applaudida pelo grande publico, o seu auctor desceu á terra, tornado inutil despojo.

Mal teve a consolação de ouvir os primeiros applausos á sua obra e não chegou a saber que esses applausos se tornaram universaes.

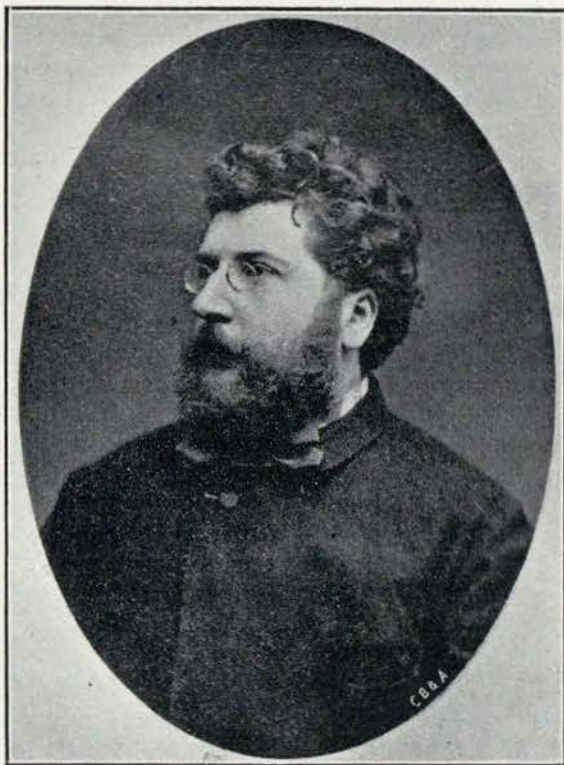
Alexandre Cezar Leopoldo Bizet, conhecido pelo nome de Jorge Bizet, nasceu em Paris a 25 de outubro de 1838. Seguiu brilhantemente os estudos no Conservatorio, tendo por mestres Marmontel, Benoist, Zimmermann e Halévy. Depois de obter o 1.º premio de solfejo em 1849, o de piano em 1851, os de órgão e de fuga em 1855, alcançou emfim grande premio de Roma em 1857, quando ainda não completára a idade de dezenove annos.

Em Roma trabalhou assiduamente, enviando para Paris, como provas de estudo, uma opera buffa italiana — *Don Procopio* — uma opera comica franceza — *La Guzla de*

l'Emir — e diversas composições symphonicas. A sua ultima obra escripta na cidade eterna foi a cantata *Vasco da Gama*, que a nossa Academia de Amadores executou em 1888.

N'uma carta datada de 3 de agosto de 1859, escrevia elle ao seu mestre Marmontel, participando-lhe projectar essa obra: «Je m'occupe pour mon envoi d'une grande symphonie sur la *Lusiade* de Camoëns. Je

viens d'envoyer mon scénario à un ami. S'il peut me versifier cela, j'aurai du cœur à l'ouvrage». Em 17 de janeiro de 1860, anno em que terminou os seus estudos, participava continuando no mesmo intento: «Il y a longtemps que je desirais écrire une symphonie sur la *Lusiade* de Camoëns j'avais fait le plan de l'ouvrage, il me restait à trouver un poète. J'ai mis la main sur un certain D***, Français, très savant, mais dépourvu de gout. Je suis obligé de refaire une partie de ses vers, ce que ne m'amuse pas, d'autant plus que je m'aperçois



avec terreur que ma poésie est infiniment supérieure à la sienne...»

Regressando a Paris, teve de procurar os meios de subsistencia dando lições de piano, canto e harmonia, e encarregando-se de fazer arranjos e transcrições para os editores de musica.

A sua estreia no theatro tinha-se realisado, antes de partir para Roma, com uma opera burlesca — *Le Docteur Miracle* — que

Offenbach, então empresario, pozera a concurso e cujo premio foi ganho *ex aequo* por Bizet e Lecocq (janeiro de 1857).

Em quanto labutava na dura vida do professorado fazia constantes esforços para ser apreciado como compositor. Em 1863 conseguiu apresentar os *Pêcheurs de perles* e em 1867 a *Jolie Fille de Perth*, duas operas sérias que foram julgadas muito wagnerianas pelo *chauvinisme* d'aquella época, e como taes recebidas com frieza. Em 1872 apresentou uma pequena peça n'um acto — *Djamileh* — que não agradou.

Mais feliz foi com os bellissimos melodramas e entreactos que escreveu para o drama de Daudet — *A Arlesiana* —, os quaes não tiveram apreciação condigna no theatro mas entraram no repertorio dos concertos symphonicos, onde se ouvem ainda com encanto.

Finalmente, em 5 de março de 1875, appareceu a sua obra prima, a — *Carmen*. Recebida a principio com surpresa por causa do assumpto ser excessivamente baixo e realista, foi a musica vivamente apreciada pelos entendidos, que viram n'ella uma das melhores joias do mais puro gosto francez; por fim, o publico parisiense resolveu-se a dar-lhe o valor que essa obra merece e em toda a parte lhe tem sido attribuido. Mas o pobre Bizet não teve tempo de gosar o fructo do seu trabalho. Dotado de um temperamento extremamente affectivo, adquiriu com as contrariedades da vida o mal do coração, que repentinamente o fulminou a 3 de junho de 1876, apenas tres mezes depois que se representou a *Carmen* pela primeira vez.

Além das operas mencionadas, escreveu Bizet uma abertura intitulada *Patrie*, assim como outras peças symphonicas, e grande numero de trechos para canto, para piano, transcripções, arranjos, etc.



RECORDAÇÕES HISTÓRICAS

Com esta epigraphe publicaremos alguns artigos de chronica ligeira do passado, avivando a memoria de factos que pela sua natureza não tenham proprio cabimento n'uma historia geral, mas mereçam comtudo memorar-se por nos darem a impressão de personagens notaveis e de usos esquecidos.

E como *à tout seigneur tout honneur*, começaremos pelo seguinte artigo do nosso bom amigo Gomes de Brito, que desde o presente nos honrará com a sua preciosa collaboração.

Ardeu o theatro das Larangeiras

(9 de Setembro de 1862)

Os raros de hoje que ainda conheceram o conde do Farrobo, recordar-se-hão acaso d'elle, tal qual nós o vimos pela primeira vez n'uma epocha de lucto nacional; — meã estatura de homem, aprumado e firme no andar, ainda que sensivelmente tombado para o lado direito. A fronte larga e nobre, riçada a pôpa, o olhar amortecido, farto bigode mas curto, encobrendo o labio nunca descerrado, condizia o todo com as feições marmoreas, severas, impenetraveis, que se lhe emolduravam nas aparadas *favoritas*.

Começavam então os dias tristes e desconsolados d'este homem que tantas alegrias tinha sabido despregar de em torno a si, mercê do apurado gosto com que lhe fadara o berço a fortuna: mercê do nobre character que tão bella alliança fizera com ella!

Começavam os revezes, é certo, mas começava igualmente a indiferença — peor que a indiferença — a ingratição, que mais que os mesmos transtornos da vida, ulcerava, dolorosa, o nobre e altivo character do conde do Farrobo!

Soffria elle, porém, tudo, os revezes da sorte e a versatilidade dos homens, com a mais imperturbavel coragem. Em seu rosto frio e impassivel ninguem era capaz de ler nem um só dos intimos amargores que lhe dilaceravam a alma. Os successivos rebates da decadencia que ia abrindo o abysmo em que se afundava a «riqueza do Quintella», recebia-os elle com a mesma fleugmatica conformidade apparente, com que, diz-se, queimava outr'ora á luz da véla da mesa de jogo, uma nota do Banco, amachucada em archote, para ajudar um parceiro a achar *um pinto* que se lhe escapara da mão, rolando para a alcatifa. . .

Um dia, no Farrobo, sentara-se o conde á mesa do jantar, em meio da numerosa familia e adherentes que o rodeavam.

Haviam-se servido os primeiros pratos, quando um criado se approximou do dono da casa, trazendo um telegramma n'uma salva de prata.

Abri-o vagaroso o conde; leu-o, dobrou-o e tornou a introduzil o pausadamente no sobscripto, pondo este sob o guardanapo.

Nem um musculo do rosto se lhe contrahira, nem um gesto de surpresa, nem um movimento mais pressuroso, sequer.

Ninguem dizia palavra.

Por aquelles dias convulsos de más novas, cada missiva que chegava, era o panico, era o terror para toda a familia. Nem uma só

peessoa, porém, ousava interrogar o dono da casa, ainda que no espirito de todos tivesse entrado o pressentimento de um desastre mais...

Continuou o jantar. O conde recomeçou, frio e impenetravel, a interrompida conversação, e a serie de pequeninos epigrammas levemente causticos com que, a espaços, a matisava.

Pouco e pouco foi-se restabelecendo a confiança, um instante dolorosamente alvo- roçada. Generalisou se a tonalidade natural do espirito, e chegou-se, emfim, ao termo do jantar sem maior accidente.

Serviu-se o café.

O chefe da familia accendeu pausadamente um charuto, saboreou gole a gole a perfumada bebida, e quando, vendo-o levantar-se, todos iam imital-o, em rumorosa debandada: — Um momento! disse.

Fez-se silencio.

— Traz-me este telegramma, continuou sereno e firme, uma noticia triste.— Ardeu a noite passada o theatro das Laranjeiras.

Dito isto com a costumada fleugma, o conde do Farrobo cumprimentou a companhia, e sahiu da sala de jantar, deixando todos os presentes como é facil de suppor.

G. DE B.



MESTRES CANTORES

I

A empresa de S. Carlos fará cantar na proxima época lyrica os *Mestres Cantores* do tão discutido maestro allemão Ricardo Wagner, de quem conhecemos apenas o *Lohengrin*, o *Tannhauser* e uma mal succedida tentativa de audição do *Navio phantasma*.

A obra musical de Ricardo Wagner tem sido largamente discutida no estrangeiro. A titulo de curiosidade diremos que a bibliotheca wagneriana do entusiasta Oesterlein, de Vienna d'Austria, em que se encontra tudo o que diz respeito ao notavel maestro allemão, conta mais de vinte mil numeros.

Ricardo Wagner foi discutido sob todos os pontos de vista. Um genio para uns, um charlatão para outros, as suas operas foram consideradas por aquelles como a suprema expressão da arte e por estes como uma intoleravel cacaphonia orchestral. O escarpello da critica desceu até á intimidade da cellula viva. Wagner foi estudado e discutido como homem, como poeta, como dramaturgo, como philologo, como musico, como

reformador, não escapando a sua propria psychologia ao furor da analyse. A primeira pedra lançada para a edificação do theatro de Bayreuth, em 1872, fez emmudecer muitos maldizentes. As representações especiaes das obras do mestre converteram muitos incredulos. De 1876 para cá a critica tomou uma nova orientação e começou então a valer o estudo das intenções do mestre em todas as suas minudencias. Mas nem a discussão dos poemas, nem o conhecimento da psychologia do homem permittiram descobrir as intenções reformadoras. Essas intenções só foram manifestas depois das primeiras representações do *Ring*, quando Wagner se dirigiu ao publico para lhe dizer: «vistes de quanto sou capaz; agora sois vós que deveis dizer *se quereis*.»

Wagner não considerava Bayreuth como o seu triumpho, a sua apotheose, mas sim como um ponto de partida. Visava a nada menos do que á reforma da propria humanidade. Os seus artigos publicados nas *Bayreuther Blaetter* foram uma verdadeira revelação, até para muitos dos seus admiradores e proselytos.

Além da viva contenda sustentada pela critica na imprensa, em que o proprio Wagner tomou uma parte activa, apesar dos numerosos folhetos e livros em que de ambos os campos se discutia a obra musical do mestre allemão, este encontrou tambem nos *Mestres cantores* um meio de condensar a lucta a que a sua entidade artistica tinha dado logar.

Em principios de 1845, depois de ter terminado a partitura do *Tannhauser*, obteve e aproveitou Wagner a licença que a Intendencia do theatro real de Dresde lhe concedeu para ir á Bohemia fazer uso d'aguas medicinaes. Os seus amigos tinham-lhe aconselhado a que escrevesse uma opera de caracter ligeiro, com o fim de mais facilmente captar os applausos do publico. Foi então, em 1845, que Wagner escreveu o poema dos *Mestres cantores de Nuremberg*, comico contraste do *Tannhauser*, visto estar provado que os obreiros cantores (*meistergesang*) dos seculos 15 e 16, que Wagner apresenta no poema dos *Mestres*, são os descendentes dos trovadores (*minnege-sang*) dos seculos 12 e 13. A poesia das corporações foi a herdeira da arte cortezã dos cantores de Wartburg, entre os quaes se contava o afamado Wolfram d'Eschenbach, personagem importante no poema do *Tannhauser*.

Parece que a ideia do poema dos *Mestres cantores* foi principalmente inspirada a Wagner pela leitura do livro de Wagenseil a respeito de Nuremberg, intitulado «De sacri

Romani Imperii libera civitate noribergensi commentatio. Altdorf, 1697, pag. 433 a 575.» A leitura das obras de Hans Sachs, poeta, mestre cantor e artista sapateiro do seculo XVI, deve tambem ter contribuido bastante para a escolha do assumpto do poema. O discurso pronunciado por Sachs no final do ultimo acto é uma prova de que Wagner estudou e assimilou o estylo do popular poeta-sapateiro allemão.

M. Muncker (Richard Wagner, Bamberg, 1891) pretende que Wagner bebeu a ideia do poema dos *Mestres cantores* no libretto da opera «Hans Sachs» — palavras de J. L. Deinhardstein e Ph. Reger — que o compositor Lortzing pôz em musica e em 1840 fez cantar em Leipzig.

Antes de apresentarmos um resumo do poema diremos o que era a corporação dos «mestres cantores» (*meistersinger*).

E' muito remota a instituição dos bardos. Deodoro da Sicilia, celebre historiador grego, falando a respeito dos gaulezes diz: «Ha entre elles uns poetas a que chamam *bardos*, que cantam versos que eiles proprios compõem, acompanhando-se com um instrumento semelhante á nossa lyra». O christianismo, fazendo quasi desaparecer o culto druidico, acabou tambem com a preponderancia e o prestigio d'essas corporações de bardos, a que alguns monarchas se dignaram pertencer. No seculo XII encontramos nos paços reaes aggremações de bardos, alguns de celebre nomeada, como Wolfram d'Eschenbach, Conrad de Wurzburg, Klingsor, Henri Frauenlob, Henri d'Offerdingen, o fidalgo portuguez D. Alvaro Pires de Castro e outros trovadores illustres.

(*Continua*).

ESTEVES LISBOA.



FRANCISCO DE LACERDA

Hoje que em vista da nova reforma do Conservatorio e da creação tão necessaria de um curso de Orgão n'aquelle estabelecimento escolar, estão todos os olhos voltados para Francisco de Lacerda, como o que mais tem trabalhado n'essa especialidade e portanto como o unico portuguez para quem poderia ser destinada a regencia de tal curso, não vem fóra de proposito destruir umas insinuações de que alguns jornaes se fizeram ecco, com respeito á prolongação do pensionato d'este illustre artista em Paris e mostrar com evidencia aos insinuadores de bôa ou de má fé que essa optima resolução do nosso governo foi um

acto de inteira justiça, baseado em informações de todo o ponto valiosas e auctorizadas.

Um feliz e inesperado acaso permittiu-nos tomar conhecimento d'essas informações e folgamos deveras em poder orientar a opinião publica, transcrevendo alguns dos periodos com que o abalisado mestre Vincent d'Indy, um dos mais gloriosos musicos da França, julgou dever appoiar a conservação d'este pensionato, por uma fórmula que muito honra o nosso illustre compatriota e que a todos nos deve merecer o mais legitimo desvanecimento.

Diz o eminente professor francez no seu relatorio ao nosso governo: — «F. de Lacerda a suivi assidument mon 2^d cours de Composition et ses notes d'examen l'ont rendu digne de la mention *Bien*; il a suivi également avec succès le cours d'Orgue superieur de Mr. A. Guilmant et a obtenu pour l'examen de ce cours la note 7, sur un maximum de 10 points. Il a besoin de terminer ses etudes de composition, qu'il serait regrettable de lui voir abandonner en si bon chemin.

De plus, il est de mon devoir de vous signaler, Monsieur le Ministre, les rares aptitudes de ce jeune homme au metier de chef d'orchestre. De Lacerda *est né chef d'orchestre*, si je puis m'exprimer ainsi; il a fait cette année dans l'art de la direction de tels progrès que je n'ai pas craint de lui confier la responsabilité de la classe d'orchestre de l'Ecole, lorsque j'étais forcé de m'absenter et il s'est acquitté de cette tâche à ma complète satisfaction.

Il serait regrettable que ce jeune artiste, qui offre, je le répète, des dispositions tout a fait exceptionnelles ne put être a même d'achever ses etudes de composition, car je crois qu'il sera de ceux qui sont appelés a honorer leur pays dans le domaine de l'art.»



NOTAS VAGAS

Cartas a uma Senhora

XXXII

De Lisboa:

Pois que a realidade está sendo em tanta maneira desalentadora e triste, prefiro contar-lhe um sonho que não ha muito me entreteve o espirito e me aqueceu a imaginação.

Como sonho não será elle decerto realisavel, pelo menos desde já, mas quer-me

parecer que pertence ao numero dos que o poderiam ser.

Eu me explico.

Imagine que com este velho fermento persistente e intenso que desde a manhã azul e rosca da nossa infancia a religião de nossos paes em todos nós depoz, eu me surpreendi um d'estes dias a seguir com um recolhimento ardente e com uma piedade sentida algumas das ceremonias d'essa religião. . .

Almas cortadas de duvidas, corações batidos pelos ventos da descrença, em certas horas crepusculares da existencia e do mundo, todos nos pomos ás vezes a olhar para essas miragens consoladoras da fé, para esses divinos refugios do Ideal, e o mysticismo invade-nos, um mysticismo especial, é certo, feito de aspirações insaciadas e de phantasias desfeitas, de esperanças entrevistas e de verdades incomprehendidas, mas enfim mysticismo, e então tentamos, candidos visionarios, conciliar os porventura inconciliaveis e irreductiveis elementos de doutrinas que nem por muito consagradas deixam de ter aberto fendas e soffrido avarias, com principios que nem por não gosarem ainda do prestigio da tradição e não haverem sido ungidos com o oleo santo da infallibilidade, deixam de trazer lá dentro tremendas e demolidoras conclusões!

E tudo isto procura aquietar-se no nosso espirito, fundir-se na nossa razão, humanisar-se em summa com o nosso modo de sentir e de pensar.

Ora pois n'um d'esses momentos psychologicos da doce *credulidade incredula* puz me a reflectir no que ainda poderia ser na sociedade e na vida a missão já não digo da Igreja como disciplinador augusto e esclarecido das collectividades, que essa, apressome a reconhecê-lo, será porventura indestructivel, — mas da Igreja como nucleo affectivo do instinctos—de certos instinctos sobretudo.

Supponha a minha boa amiga que amanhã, aqui em Lisboa, n'esta Lisboa fastienta n'umas camadas, materialista n'outras, e mais ou menos insensibilidade em todas, um ou dois parochos surgiam, que a titulo de experiencia se lembravam d'esta coisa desprezenciosa e simples: — a criação na sua respectiva parochia, de escolas de canto coral e de rudimentos de musica sacra, seguido tudo isso do estudo do proprio órgão!

Imagine agora o effeito poderosamente educativo e profundamente moralizador d'esses quasi infantis orpheons compostos de vozes de ambos os sexos, flexuosas e frescas, susceptiveis de se desdobrarem em

modulações sem fim, desde que alguém as guiasse e instruisse, lhes corrigisse os defeitos e lhes desvendasse as bellezas.

Ponha-me agora no côro todo esse mundo de argentinas e primaveraes gargantas agrupadas em volta de um organista em termos, entoando enthusiasmas e unidas alguns d'esses formosissimos e inesqueciveis trechos de musica religiosa que a Igreja conserva nos seus hymnarios e nos seus canones, e quer-me parecer que a impressão produzida não poderia senão redundar em esplendor do culto e em edificação dos crentes. . .

É tal que a principio concorreria aos templos simplesmente levado pela curiosidade esthetica da emoção acabaria por sentir acordar dentro de si o echo mais ou menos adormecido de saudosas praticas esquecidas e quem sabe quantos não volveriam pela consciencia aquillo de que inconscientemente se haviam afastado!

A arte, quando trabalha sobre grandes e levantados móbeis e quando se inspira em intensos e fundamentaes instinctos, tem o condão supremo de catechisar até os meros curiosos e de converter até os proprios indifferentes. . .

Assim, posta ao serviço d'esta grande idéa cultural do Bello, e exteriorisando-se em luminosas e impeccaveis fórmulas, ella não poderia deixar de operar esse milagre, e todos veriamos convictos e relapsos unidos no mesmo amplexo procurando ascender ás alturas, subindo uns pela escada transcendente da Fé, alando-se outro nas azas igneas do extasi, mas ambos presentindo, embora impellidos por motivos differentes, a assombrosa e inatacavel unidade do mundo moral, que tanto póde revelar-se-nos pela palavra dos apostolos e dos santos como pelas idealisações dos poetas e dos artistas.

Junte agora ao lado puramente esthetico d'esta linda iniciativa o seu lado caritativo e altruista, o qual vinha a ser salvar das promiscuidades da rua e das tentações da miseria e da ignorancia vadeando abandonada e solta, centenas de creanças que para ahí vêm garotando aos bandos sem eira nem beira nem ramo de figueira, e a que os parochos, com a cooperação efficaz e activa das chamadas *fabricas* das suas freguezias e com o obolo espontaneo ou solicitado de alguns parochianos generosos e dedicados, poderiam desde então encontrar um destino e offerecer um refugio e um arimo; não se lhe affigura que alguma cousa de grande se haveria feito?

*

E' possível que um certo jacobinismo doentio porque ignorante, intransigente por

não educado, visse n'esta suggestiva obra um manejo da reacção com *R* grande, mas Deus nos livre que a Liberdade, também com *L* grande, viesse a ter medo de algumas duzias de creanças cantando, para todos ouvirem, paginas de psalmos ou de antiphonas, que era caso para descrêr d'ella—e de nós.

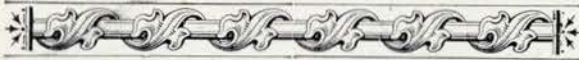
Quando aos adversarios de boa fé embora propugnando *contra a fé* esses tinham também um meio de neutralisar a acção d'estas novas especies de *scola cantorum* se a reputassem deleteria: seria crearem-n'as igualmente elles proprios, tendo do mesmo modo em vista dar ao espirito inculto dos pequenas seres, que hão de constituir as sociedades de futuro, alguma cousa mais do que rudimentos de giria ou de navalha e sobretudo não se esquecendo de lhes ministrar em abundancia o confortante e divino pabulo do ideal, que cada vez se torna mais preciso n'estes dias de hoje tão aridos e tão negros...

E tudo ficaria remediado...

Desde que uns e outros saudarem a Bondade e o Amor, bemdisserem a Belleza e a Justiça e amarem todos os seres creados com a ternura de irmãos, não deixarão, dentro ou fóra de um templo, de ser ouvidos nas ceulas paragens onde a Verdade certamente habita, e embora nem todos lhe chamemos *Deus*, Elle que symbolisa a soberana sciencia e a inexgotavel misericordia, é que não recusará os nossos canticos nem desattenderá as nossas preces...

Assim nós nos entendessemos uns aos outros como Elle nos entende a todos...

AFFONSO VARGAS.



ESCOLA DE MUSICA DE CAMARA

Tem excedido todas as previsões o acolhimento com que o publico tem consagrado esta esforçada iniciativa e raro é o dia em que não vem ao escriptorio d'esta redacção inscrever-se diversas pessoas que com palavras bem lisongeiros para os fundadores da *Escola*, nos demonstram á evidencia quanto se fazia sentir entre nós a falta de uma instituição d'esta natureza.

Anda não foi aberta a inscripção especial para executantes, e não o será naturalmente antes de realisada a sessão inaugural, que absorve por completo as attensões do conselho director, vista a intenção de dar a essa festa inicial o maximo brilho, no li-

mite da força dos executantes com que actualmente se pôde contar.

Logo que esses primeiros trabalhos estejam concluidos tratar se ha de organizar diversos grupos de musica de camara, de accordo com o grau de adiantamento em que cada um dos executantes se encontre, competindo a cada grupo um trabalho methodico e racional das melhores obras que n'este genero se tem produzido.

*

Como já dissemos, o primeiro concerto da *Escola* realisar-se-ha ainda em Novembro e será a 27: o programma, que já era notavel, é que foi sensivelmente melhorado, substituindo-se o *Trio* de cordas pelo famoso *Septuor* que ha tantos annos se não executa em Portugal com os instrumentos para que foi originalmente escripto e que é, como se sabe, uma das mais notaveis obras, senão a mehlhor, da primeira maneira de Beethoven.

Eis portanto o programma definitivo:

Beethoven

Quintetto, op. 16, para piano e instrumentos de sopro.

Sonata em dó menor, op. 30, numero 2 para violino e piano (*apresentação do professor Francisco Benetó*).

Grande Septuor, op. 20, para violino, violleta, violoncello, contrabaixo, clarinete, fagote e trompa.

Os executantes são os srs. Francisco Benetó Antonio Lamas, D. Luiz da Cunha e Menezes, João Evangelista da Cunha e Silva, Arthur da Fonseca, Severo da Silva, Manoel Tavares, João Manoel Gonçalves e Michel'angelo Lambertini.

*

Começamos hoje a publicação da lista das pessoas que quizeram patrocinar a *Escola*, subscrevendo nas condições da circular que foi profusamente distribuida ou prestando o seu valioso concurso artistico aos trabalhos da mesma *Escola*.

Membros honorarios

Alexandre Rey Colaço.

Andrés Goni

Manoel Tavares

Severo da Silva

João Manoel Gonçalves

José Henrique dos Santos

Jóão E. da Cunha e Silva.

Subscriptores

Antonio Lamas

José Relvas

D. Luiz da Cunha e Menezes

Michel'angelo Lambertini
 Arthur da Fonseca
 Raphael Reynolds
 Emile Possoz
 Arthur Wasa Cesar d'Andrade
 Dr. Alberto Pedroso
 D. Maria Luiza Falcão
 Conde da Ribeira Grande (D. Vicente)
 Timotheo da Silveira
 Dr. Domingos Pinto Coelho
 Pedro Lamas
 Dr. Esteves Lisboa
 Jeronymo Bravo
 Julio Andrade
 José Julio Rodrigues
 D. Luiza Burnay
 Major Mattos Cordeiro
 D. Lucilla Moreira
 Augusto Gomes
 Francisco José da Costa
 Machado Miranda
 D. Herminia Radich
 Mad.^{me} Rommel
 Casimiro Freire
 Henrique Sauvinet
 Léon Amzalack
 Dr. Theophilo Braga
 D. Sarah Motta Vieira Marques
 Continuaremos a lista no proximo numero.

CONCERTOS

Começou brilhantemente a epoca dos concertos em Lisboa com as duas sessões de musica de camara que o sextetto de Cascaes deu no dia 30 do passado mez.

Muito desejaríamos dizer a respeito d'esses dois bellos concertos, se não fossem as exigencias do espaço, que são hoje implacaveis. Condensamos portanto as nossas impressões n'um entusiastico bravo aos distinctos artistas hespanhoes, que á excepção de D. Francisco Benetó, partiam no dia seguinte para a terra patria.

Muito folgaremos de os vêr no proximo anno novamente entre nós.

*

O 9.º e ultimo concerto do Club da Foz, teve tambem logar a 30.

Tomaram parte D. Alexandrina Castagnoli, Xisto Lopes, Frank de Castro e Henrique Kendall.

*

Fechou-se no dia 3 a breve e scintillante serie de concertos de musica de camara que

o *Quartetto Moreira de Sá* effectuou, com grande exito, no salão nobre do Theatro de S. João, do Porto.

Esta terceira audição constou de dois deliciosos quartettos de Beethoven, o 10.º e 11.º, e do transcendente e escabroso *Quintetto* de Sinding, cuja parte de piano foi confiada a D. Virginia Suggia.

Como *clou* do concerto e da serie, nada podia ser melhor escolhido do que esta admiravel obra, cheia de frescura e de brilho, e que constituia uma deliciosa novidade para o publico portuense.

Assim a sala sublinhou com nutridos applausos cada um dos numeros executados e muito especialmente o *Andante* d'esta ultima composição, considerada como uma das paginas mais emocinantes da musica moderna.

*

Em Lisboa, no mesmo dia 3, realisava-se uma festa musical, em que um numero publico teve occasião de apreciar alguns artistas hespanhoes, que ainda se não tinham produzido na nossa capital e que tiveram um merecidissimo exito.

Desejamos referir-nos a José Bonet, Julio Francés e Manoel Alvarez, que conjunctamente com Moraes Palmeiro, José Magalhães e Felipe da Silva organisaram para a sua apresentação e em homenagem á imprensa jornalística um impressionante programma,

Como se sabe teve logar essa apresentação na Sala Lambertini, onde se accumulavam para ouvir os sympathicos concertistas, todos os que em Lisboa se interessam por este genero de audições — todos ... os que obtiveram logar, porque em determinado momento já não era possivel lá entrar.

O programma era realmente tentador, o famoso *Quintetto das trutas*, cujo *Andante* e *Tema com variazioni* foram modelarmente executados, o *Trio op. 1, n.º 3* de Beethoven, que ha de ser sempre escutado com encanto e em que se salientaram, como execução o *Andante cantabile* e o *Menuetto*, e para fechar o concerto quatro numeros de sextetto, em que áparte o inconveniente que tantas vezes temos apontado de vêr transtornados por effeito da *transcripção* muitas das principaes bellezas da obra original, inconveniente que sobre tudo se sentiu no *Largo* de Haendel, não podemos deixar de louvar o bom acabamento da execução, o bem fundido e nuançado das diversas phrases e em algumas obras a apropiada e precisa expressão com que se pretendeu respeitar a intenção do compositor.

Duas palavras sobre os executantes : D.

José Bonet, um moço de grande merecimento e talvez a figura primacial do grupo. Em certos pontos maravilhou nos pela nitidez e delicadeza com que interpretou a sua parte de piano; tem uma technica intelligente, é muito seguro de rythmo e phrasea com raro mimo — qualidades preciosas, que mais são para admirar em quem não faz do piano a sua principal occupação, como succede com este sympathico artista.

D. Julio Francés, violino da primeira estante no *Theatro Real* de Madrid e profundo conhecedor do seu *métier*, muito minucioso em toda a sua interpretação, quer n'este concerto quer no que mais abaixo mencionamos, teve momentos em que verdadeiramente nos encantou. Foi optima portanto a impressão que nos produziu o distincto *virtuose* na maioria das obras que executou. D. Julio Francés era tambem o ensaiador do sextetto e para ser absolutamente sinceros preferiríamos que n'esta ultima qualidade se não pretendesse evidenciar tanto, quando está em presença do publico. A inutil gesticulação faz sempre supôr da parte de quem a emprega uma vaidosa intenção, que com certeza não estará no animo do distincto artista.

D. Manoel Alvarez é um bom violeto, a quem faltou um bom instrumento, José Magalhães um segundo violino talvez ainda pouco feito a este genero de musica, mas possuindo qualidades serias e Felipe da Silva um segurissimo baixo em quem o resto do grupo podia estar plenamente descaçado.

Moraes Palmeiro, a quem incumbia tão larga parte no desempenho de todas as obras é hoje um dos nossos violoncellistas mais apreciados e dispõe de uma sonoridade e de uma *cavata* verdadeiramente invejáveis; como artista estudioso e intelligente que é, mostra de dia para dia um progresso e não tardará que o vejamos distructar um dos mais honrosos logares entre os nossos musicos contemporaneos.

Consta-nos que este tão distincto grupo se reunirá novamente na proxima primavera para reatar os trabalhos tão brilhantemente começados este anno.

Oxalá.

*

Em 4 teve logar no salão do *Orpheon Portuense* o concerto de despedida da gentilissima violoncellista D. Guilhermina Suggia.

Ao que vemos nos jornaes do Porto e segundo as informações particulares que recebemos, foi uma festa commovedora e entusiastica, como poucas ali se tem feito.

Foi tal a concorrência que se tornou necessario suspender a venda dos bilhetes muito antes de começar a audição e o publico que enchia litteralmente a sala fez á já notavel concertista uma d'essas ovações que ficam memoraveis na vida d'um artista e que será uma dôce lembrança para a jovem pensionada durante os seus tres annos d'ausencia.

Duraram mais de um quarto de hora os bravos e os applausos no fim do concerto.

Tocou a encantadora violoncellista a *Polonaise* de Chopin, com D. Virginia Suggia, as *Variações* de Tschaikowski sobre um thema recóco, o primeiro tempo do *Concerto* de Lalo, o *Nocturno* de Popper e no fim do concerto o *Nocturno* e *Tarantella* de Klengel, que como já dissemos é o mestre allemão sob cuja direcção vae a nossa violoncellista concluir os seus estudos.

A cada uma das obras executadas correspondeu uma estrepitosa saudação, sendo tão commovente a interpretação de algumas, que se viam lagrimas em muitos olhos, lagrimas de saudade pela encantadora artista que partia e lagrimas de commoção pelos sentidos poemas que nos sabe dizer no seu violoncello querido.

Teve como collaboradores n'este concerto de despedida sua propria irmã, que além da *Polonaise* a que já nos referimos, tocou com rara virtuosidade o final do *Concerto* de Grieg — o illustre professor Moreira de Sá que executou a *Canzonetta* e final do *Concerto romantico* de Godard, que foi bisado — e o grupo *Moreira de Sá* com quem tocou o *Andante* e o *Intermezzo* do quintetto de Sinding e dois numeros do *Trio* de Dvorák.

Terminando esta rapida noticia, congratulamo-nos com a prestigiosa artista portugueza por ver realisada uma parte das suas tão justas aspirações e fazemos votos os mais sinceros pela felicidade, de que é, por todos os titulos tão digna.

*

A segunda apresentação do aprecivel sextetto da Figueira da Foz teve effeito na noute de 5, no Salão do Conservatorio, em presença de um selecto, se bem que algo limitado, publico de apreciadores e *habitués*.

Seguiu-se á risca o programma que annunciaramos e não faltaram os mais nutridos applausos a confirmar a boa apreciação que aqui temos feito dos sympathicos artistas que constituíam aquelle notavel grupo.

O *Concerto* de Mendelssohn era assumpto de forte curiosidade para muitos dos amadores que se encontravam na sala; Julio Francés teve occasião de mostrar n'essa

obra de grande virtuosidade, muito conhecida entre nós, quanto vale e quanto produz a escola musical hespanhola da actualidade. E para provar o nosso asserto basta vêr quantos violinistas hespanhoes nos estão apparecendo a cada passo e como todos se apresentam por forma a honrar, com raro luzimento, a escola d'onde vieram.

Não queremos com isso dizer que fôsse absolutamente impeccavel a execução do *Concerto* e sobretudo o final podia ter levantado algum reparo, como acabamento e mesmo ás vezes como afinação. Mas pondo de parte esses exageros de *purismo* que vemos infelizmente muito divulgados entre nós em determinados cenaculos, é forçoso confessar que o distincto artista hespanhol é d'aquelles que se ouvem com prazer em qualquer occasião.

José Bonet, o apreciadissimo pianista, acompanhou na perfeição o difficil *Concerto* e collaborou com a habitual maestria, nas peças d'ensemble.

Moraes Palmeiro, Magalhães e Alvarez houveram-se tambem distinctamente, como era de esperar. Consta-nos que o sympathico grupo se propõe a dar em Lisboa, na proxima primavera, uma interessante serie de concertos de musica de camara.

*

No domingo, 10, temos a registrar uma deliciosa audição beethoveniana, com que dois artistas de *elite* Rey Colaço e Rubio, quizeram encantar um restricto numero dos seus amigos e admiradores.

Teve logar este primoroso concerto nas confortaveis salas de Alexandre Rey Colaço que, franqueando gentilmente a sua porta aos verdadeiros *gourmets* da Arte, presta um assignalado serviço á propaganda da boa musica e facilita uma inestimavel licção a todo aquelle que deseje conhecer, superiormente interpretadas, as melhores obras dos grandes mestres.

O concerto, a que nos vimos referindo, foi effectivamente uma licção e das mais salutareas.

Em tres admiraveis sonatas do grande Beethoven, do gigante da musica, como lhe chamou Berlioz, pode admirar-se não só uma execução, cheia de requintados primores, que só mui raramente podemos apreciar n'esta nossa infeliz terra, mas ainda os diversos aspectos da obra beethoveniana, as tres formidaveis *etapes* d'aquelle divino genio, concretisadas em tres simples sonatas de violoncello e piano!

A primeira que se executou, a obra 5 (N.º 2), é como todos os trabalhos da primeira maneira uma adaptação de formas já con-

sagradas, em que a personalidade inconfundivel do inspirado Mestre se traduz a cada passo no levantado da ideia, mas onde a moldura do preceito e da rotina é por vezes tão acanhada que mal póde conter a grandeza d'essa mesma ideia.

Não succede o mesmo na segunda maneira, que muitos reputam a maneira modelar de Beethoven; aqui a aguia toma o seu ousado vôo — emancipa-se por completo das tyrannias da escola e cria esse admiravel *scherço* que podemos considerar sem exagero uma das mais importantes conquistas da musica instrumental. Como specimen d'este segundo estylo, deram-nos os illustres concertistas a *Sonata em la, op. 69* que poucas vezes temos ouvido tão delicada e expressivamente executada; tanto Agustin Rubio como Rey Colaço tiveram na traducção d'esta obra genial momentos em que o auditorio se não podia deixar de dominar pela mais sincera e expontanea das emoções.

Seguiu-se a primeira *Sonata* da op. 102, que já faz parte do cyclo final das obras do grande e infeliz compositor e que portanto nos veiu dar ideia da ultima transformação porque passou o genio do immortal musico allemão.

E como se não bastasse um programma d'esta natureza, para deixar plenamente satisfeitos os mais exigentes, ainda o eximio violoncellista teve a gentil lembrança de offerecer ao seu auditorio tres peças de Bach, *Aria, Preludio e Sarabanda*, em que os seus variados recursos artisticos tiveram mais uma occasião de evidenciar-se por uma forma superior a todo o elogio.

Resumindo, uma tarde de musica seria e grande, divinamente executada por dois artistas de coração, que melhor que ninguem a comprehendem e sabem traduzir.

*

Prepara se para depois d'amanhã 17 uma grandiosa festa — a da despedida de Agustin Rubio no Salão do Conservatorio.

Eis o programma :

Sonata em lá menor, op. 36.... *Grieg.*
 Prelude, Sarabande, Loure et
 Gigue (violoncello solo)..... *Bach.*
 Sonata em dó maior, op. 102... *Beethoven.*
 Romance..... *Davidoff.*
 Variations symphoniques *Boelmann.*

Com um programma d'esta ordem e com as sympathias que o illustre violoncellista hespanhol tem sabido grangear entre nós, estamos certos que não faltará um unico dos seus admiradores a applaudil-o n'esse dia.

A exemplo do que se faz no estrangeiro, está exarado nos programmas um pedido para se não entrar nem sahir durante a execução. Oxalá o publico, no seu proprio interesse, se compenetre d'essa necessidade, e corresponda amavelmente a esse desejo.



D. Virgínia Suggia



É incontestavelmente um dos talentos mais authenticos da moderna geração.

Discípula da excellente e dedicada professora D. Thereza Amaral, D. Virgínia Suggia em breves annos conquistou tambem foros irrecusaveis de professora abalissada e de artista séria e bem orientada.

O brilho, calôr, firmeza de rithmo e a penetrante intuição artistica da sua execução são não pequenos titulos ao grande apreço em que esta talentosa pianista é tida pelos que prezam a boa arte.

Modesta e profundamente desejosa de progresso, activa e trabalhadora, D. Virgínia Suggia tem o seu talento artistico encastado em um bello quadro de dotes moraes e de qualidades de coração, encanto da sua pequena familia, e que a impõem á estima de todos.

B. V. MOREIRA DE SÁ.



REFORMA DO CONSERVATORIO

(Ccontinuação)

A arte dramatica esteve por muito tempo, como é sabido, quasi por completo abandonada no Conservatorio. Diz se mesmo e com razão que, emquanto existiram as aulas d'esta especialidade pouco ou nada produziram. No emtanto não nos parece essa uma razão sufficiente para que se não empreguem todos os meios de obter alguns resultados praticos, n'esse campo, sendo certo que, sem uma escola de declamação nunca haverá probabilidades de se obterem os bons actores.

Somos portanto declaradamente pelo restabelecimento do ensino da arte dramatica, como seremos sempre pela creação de toda e qualquer escola n'um paiz, como o nosso, onde ellas tanto escasseiam.

No paragrapho 2.º do artigo 7.º vemos que entre outras aulas é a de *historia da musica e litteratura musical* confiada a um dos professores do Conservatorio.

Pode ser-se um excellente musico e um excellente mestre e não se estar preparado devidamente para leccionar aquellas materias. Não poderá portanto dar-se o caso de não haver *nenhum* dos professores do Conservatorio devidamente habilitado para a re-gencia d'aquella cadeira?

Parece-nos não estar prevista a hypothese.

Artigo 10.º

Trata da divisão das differentes disciplinas do ensino musical.

O quarto paragrapho d'este artigo não pode passar sem commentario. Diz assim. «O certificado de frequencia do 4.º anno de piano com a classificação pelo menos de *sufficiente* é obrigatoria para a admissão na aula de harpa, sendo o alumno obrigado durante o curso d'este instrumento a concluir o curso geral de piano.»

Não vemos francamente que relação tem uma cousa com a outra nem podemos admittir a necessidade de ter um curso de piano para poder estudar harpa.

Não são dois instrumentos inteiramente differentes?

Artigo 11.º

Especifica os diversos cursos do ensino da arte dramatica.

Artigos 12.º a 16.º

Tratam dos diversos empregados do Conservatorio.

Artigos 17.º a 26.º

Occupam-se da nomeação e provimento do corpo docente.

Artigo 27.º

Dos monitores.

Artigo 28.º

Por este artigo admittem-se á frequencia dos diversos cursos *todos os individuos de ambos os sexos, nacionaes ou estrangeiros*, sem restricção alguma a não ser o limite de idade, designado nos artigos seguintes.

Achamos demasiado generosa esta preocupação de hospitalidade. Lá fora só é admittido á frequencia do Conservatorio o alumno que tenha certas habilitações geraes que todo o musico deve ter, alguns conhe-

cimentos preliminares da sua arte e sobre tudo um pouco de *vocação*.

E limitam-se as admissões, em muitos Conservatorios, a uma determinada *praça*, que está já de antemão calculada de accordo com as forças do professorado e com as forças do orçamento.

Resultados praticos:—Melhoria de pagamento aos mestres, economia para o estado, distribuição racional do tempo de trabalho de cada um dos professores, aproveitamento manifesto para os alumnos, maior prestigio para o estabelecimento e portanto mais honrosa posição para o alumno — não contando a garantia de mais largos proventos quando tenha de fazer uso da sua arte.

(Continua).

L.



Do paiz

Eis o elenco definitivo da companhia lyrica, escripturada para a proxima epoca de S. Carlos, conforme tem sido annunciada nos cartazes e jornaes.

Maestros directores de orchestra: Mancinelli Luigi, Perosio Ettore, Foá Marco e Lombardi Beneamino.

Sopranos e meios sopranos: Adami Bice, Bellincioni Gemma, Belloni Amalia, Carelli Emma, Corti Maria, Grassé Maria, Marchesini Cloe, Minotti Adalgisa, Pacini Regina, Pini Corsi Clorinda, Stephle Adelina e Strakosch Febea.

Tenores: Anselmi Giuseppe, Bonci Alessandro, Borgatti Giuseppe, Clement Edmond, Garbin Edoardo, Zenatello Giovanni, Macknez Umberto e Maini Primo.

Baritonos: Ardito Vincenzo, Corradetti Ferruccio, Kaschmann Giuseppe, Menotti Delfino e Pini Corsi Antonio.

Baixos: Ciccolini Ettore, Luppi Oreste, Sternajuoli Adolfo e Pasti Augusto.

O repertorio constará das novas operas para Lisboa:

Ero e Leandro, do maestro Mancinelli, e os *Mestres cantores de Nuremberg*, do maestro Wagner, e além d'estas os *Puritanos*, *Mefistofeles*, *A Filha do Regimento*, *Elixir de Amor*, *Dom Pascoal*, *André Chénier*, *Fedora*, *Manon*, *Werter*, *Saffo*, *D. João*, *Gioconda*, *Bohème*, *Tosca*, *Barbeiro*, *Hamlet*, *Mignon*, *Lombardos*, *Rigoletto*, *Traviata*, *Lohengrin*, *Cavalleria Rusticana*, *Palhaços*, *Fra Diavolo*, etc.

Haverá tambem debaixo da direcção de

Mancinelli uma serie de concertos, em cujos *programmas* parece que deverão figurar a *Missa de Requiem* de Verdi, o *Stabat mater* de Rossini e uma oratoria do proprio Mancinelli, com o titulo de *Isaias*.

O praso para a assignatura da epoca lyrica termina a 25 do corrente mez.

Novas erratas ao artigo sobre o *Cornetim*, publicado nos nossos numeros 66 e 67.

Onde se lê *Mouritz* e *Viaserech*, leia-se *Moritz* e *Wieprecht*.

Ahi ficam pois as emendas para inteira satisfação do auctor do artigo.

O illustre professor Hernani Braga, fez, durante a sua ultima viagem ao estrangeiro, aquisição de um bellissimo cravo de dois teclados, fabricado pela casa Erard, de Paris.

O curioso instrumento deriva do *clavecin à peau de buffle*, de Pascal Taskin, e como este, além da penna de corvo, tem um *jeu de buffle*, linguetas de coiro de bufalo, que ferem as cordas, produzindo um som mais suave do que o vibrado pelas pennas.

Os antigos registos lateraes, que estabeleciam a ligação dos dois jogos e das oitavas, são substituidos por seis pedaes, produzindo multiplos efeitos e combinações. Um d'elles é destinado á sordina, invensão do actual fabricante.

Com o auxilio d'estes pedaes e dos machinismos por elles postos em acção, entre os quaes a sordina, consegue se graduar a intensidade do som, corrigindo assim um defeito notavel dos antigos instrumentos congeneres e tambem uma interessante variedade de timbres.

O apuro e acabamento na execução technica do complicado instrumento são inexcusaveis, segundo nos consta.

Segundo vemos annunciado nos jornaes a *Sociedade Artística dos Concertos de Canto*, passou por uma radical transformação, no tocante ao seu corpo administrativo, do qual se demittiram, além da Senhora Condessa de Proença a Velha, meretissima fundadora da mesma Sociedade, as sr.^{as} Condessa de Silves e D. Paulina Vandavelde e o thesoureiro sr. Conde de Silves.

Todas as contas da primeira serie de concertos foram integralmente satisfeitas e os livros acham se em poder do concelho administrativo para serem verificados e facultados aos socios fundadores.

Já partiu para Leipzig a encantadora violoncellista D. Guilhermina Suggia, acompa-

nhada de seu pae e nosso amigo, o sr. Augusto Suggia.

Tomaram o paquete em Vigo e seguem por via Bremen, para a grande cidade allemã, onde como já dissemos vae a talentosa joven collocar-se sob o patrocínio artistico de Julius Klengel.

Varios dos membros recentemente nomeados para os conselhos musical e dramatico do Conservatorio apresentaram a sua excusa.

Se não houver ainda alguma outra desistencia, ficará o primeiro d'esses conselhos constituido pelos srs. Ernesto Vieira, Antonio Arroyo, José da Costa Carneiro, D. Fernando de Sousa Coutinho e Felippe Duarte.

Sob a direcção do talentoso maestro Alberto Sarti, continuam activamente os trabalhos de preparação e ensaio da oratoria de Massenet, *Terrè promise*, com que vae abrir a segunda serie dos concertos da Sociedade de Canto.

Os solos serão confiados á sr.^a D. Leonor Marques da Costa (soprano), D. Vasco da Camara (tenor) e José Pinto da Cunha (barytono).

A orchestra e banda compõem se de 70 executantes.

Uma bôa noticia para os amadores de concertos.

Sob o influxo e direcção do nosso grande pianista Alexandre Rey Collaço vão-se preparar tres magnificas audições de musica de camara, que hão de ter logar nos fins de Dezembro ou principios de Janeiro com a valiosa cooperação dos srs. Andrés Goni, José da Costa Carneiro, Antonio Lamas e Augusto Moraes Palmeiro.

N'estes tres concertos, que nada tem que vêr com os da *Escola de Musica de Camara*, igualmente confiada á suprema direcção e presidencia do notavel mestre, far-se-hão ouvir alguns quartettos de cordas, o trio em fá de Saint-Saens, o de Mozart em mi bemol, o de Beethoven sm si bemol e um ou mais quintetto; que ainda não estão escolhidos.

A distinctissima harpista D. Rachel Luisello parte brevemente para o Porto, a fim de tomar parte no primeiro concerto d'esta época, organizado pelo *Orpheon portuense* d'aquella cidade.

Já está impressa e em caminho de Lisboa a primeira edição da deliciosa valsa *Arte*

Nova, que a nossa casa editora acaba de publicar e que em breves dias será posta á venda em todos os armazens da especialidade.

Rezou-se hontem na Egreja parochial dos Martyres uma missa em suffragio do sempre lembrado maestro Victor Hussla, sentida homenagem de alguns amigos sinceros á memoria do prestigioso musico a quem a Arte portugueza tanto deve.

Do estrangeiro

Existe em Roma uma «Escola Musical Cooperativa», que, fundada apenas ha dois annos, tem adquirido notavel desenvolvimento.

O corpo docente compõe-se actualmente de vinte e tres professores, que ensinam as seguintes disciplinas: alta composição, contraponto e fuga, harmonia, canto, piano, violino, violeta, violoncello, contrabaixo, harpa, flauta, oboé, clarinette e instrumentos de metal.

Além d'estes estudos principaes, ha outros complementares, entre elles uma aula de historia da musica, regida pelo doutor Giorgio Barini.

Annexa a esta escola, foi ultimamente creada uma «Escola romana de musica sacra», onde se ensina composição, harmonia, órgão, canto gregoriano e liturgia.

Dirige o estabelecimento o padre Hartmann, o qual exerce tambem o logar de professor de composição.

Constituiu-se recentemente em Varsovia uma «Philarmonica Varsovia», organizada em optimas condições financeiras, a qual mandou construir um esplendido edificio apropriado aos seus fins. Este edificio devia ter sido inaugurado no dia 8 do corrente com uma festa solemne, seguindo selhe uma série de dez concertos symphonicos, nos quaes tomarão parte alguns artistas celebres, entre elles Paderewski.

A «Sociedade Liszt», na Allemanha, resolveu publicar, durante o proximo anno, uma edição completa das obras do grande pianista-compositor, as quaes serão vendidas por preços muito resumidos.

Fará tambem brevemente erigir a estatua do mestre de Weimar, na propria cidade em que elle nasceu.

Em Stuttgart constituiu-se uma commissão para tambem fazer erigir um monumento á memoria de Liszt.